

A construção da identidade: a participação de Crivella nas eleições municipais do Rio de Janeiro

Pedro Heitor Barros Geraldo*

O grande crescimento do número de pentecostais em todo o Brasil, especialmente aqueles ligados à Igreja Universal do Reino de Deus, impressiona os líderes das outras religiões, à sociedade e aos cientistas sociais que têm estudado com afinco esta temática. Segundo estatísticas do último censo nacional realizado pelo IBGE em 2000, este grupo cresceu de 269.000 fiéis em 1991 para 2,1 milhões e correspondem a 12% do total de pentecostais no Brasil, conforme dados constantes no *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil* (2003:42). Atualmente, os novos pentecostais da IURD postulam uma identidade que permite diferenciá-los tanto pelos seus valores, quanto por suas atividades. A formação de um grupo homogêneo conduz a reflexão sobre as práticas destes indivíduos ligados à igreja.

1. Identidade e cidadania: o ser e o fazer religioso

A identidade de qualquer grupo que se impõe é construída e se refere a determinado tempo e espaço, abandona-se, logo, uma visão substancialista da religião. A construção do sentido de se pertencer a um grupo ocorre nas interrelações sociais entre os outros que postulam uma identidade, religiosa ou não. É no espaço público que a autonomia identitária se faz e quanto maiores forem as relações com outras identidades — aqui se fala em disputas ou concorrências quaisquer — tanto maior será a autonomização, já que o grau de autonomia da identidade equivale a possibilidade de qualquer indivíduo transitar entre as identidades desde que atenda aos requisitos construídos. No campo religioso, o fiel particulariza-se com um discurso e liturgias próprias, de maneira que

“quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução.”
(BOURDIEU, 2003:23)

* Professor Substituto de Deontologia e Teoria da Justiça da Faculdade de Direito-UFJF, Aluno do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF), membro do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq “Direito de tecnologia social” (DIRTS), bolsista CAPES.

Os filtros criados para o estabelecimento do que é ser neopentecostal indicam o alto grau de autonomia desta identidade e ela é reconhecida pela peculiaridade do “fazer religioso”, como asseveram Sylvio Fausto Gil Filho e Ana Helena Corrêa Gil:

“A identidade religiosa seria uma construção histórico-cultural socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa. Por exemplo, reconhecemos uma identidade católica por meio da representação institucional, da prática ritual e dos atos de consagração. No entanto, em uma igreja de constituição recente, de carência simbólica e ritual e prática religiosa flexível, ainda não se pode definir o perfil da identidade.” (2001:48)

A visão de mundo que possuem cada uma das agremiações identitárias engendra uma diferente maneira de agir. Este é o cerne do conceito weberiano de ação social orientada por valores, então o que interessa é como os processos de construção identitária são capazes de criar indivíduos agindo diferentemente na esfera social e com demandas particulares. Para que se forme uma homogeneidade identitária é necessário que o grupo se diferencie dos outros, deste modo a ação de empreendedores é fundamental. Estes são indivíduos que, velada ou expressamente, expõem seu ponto de vista para a comunidade a que pertencem sempre sinalizando como devem se comportar aqueles que a ela integram. Através destas ações individuais a noção do que é ter uma identidade surge de maneira errática a partir do embate de opiniões dos empreendedores. O modo de inserção social, portanto, refletirá a visão de mundo projetada pelos empreendedores.

A idéia de identidade por meio da atribuição dos indivíduos é consentânea com a abordagem metodológica que será utilizada, bem como o marco teórico da sociologia individualista, na qual há a valorização da ação subjetiva em detrimento do estudo das estruturas sociais (WEBER, 2004: 3).

Deste modo, a idéia de atribuição é adequada ao ponto de vista existencialista, na qual a existência precede à essência. Significa afirmar que a presença ontológica do ser ao se colocar perante o outro (ser) constitui a identidade do primeiro assim como o segundo o percebia (ou tomava consciência do primeiro). Sartre afirma que:

“O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro.” (2005: 290)

O indivíduo, então, passa a ser como o outro lhe vê, ou seja, pela atribuição da identidade pelo outro, o indivíduo adquire a consciência de seu ser. As características do ser não são dadas por ele mesmo, mas pela existência e interação com o outro. Assim, o filósofo francês afirma que:

“Não se é vulgar sozinho. Assim, o outro não apenas revelou-me o que sou: constituiu-me em novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas. Este ser não estava em mim em potência antes da aparição do outro, pois não teria encontrado lugar no Para-si; e, mesmo se algo se satisfizesse em me dotar de um corpo inteiramente constituído antes que esse corpo fosse para os outros, nem minha vulgaridade nem minha inépcia poderiam alojar-se nele em potência, pois estas são significações e, como tais, transcendem ao corpo e remetem ao mesmo tempo a uma testemunha capaz de compreendê-las e à totalidade de minha realidade humana.” (SARTRE, 2005: 290)

A idéia da formação da identidade por atribuição pelos atores sociais adquire respaldo epistêmico a partir deste ponto de vista, além de adequar-se ao marco teórico da sociologia subjetivista.

O ponto de partida teórico é a sociologia individualista weberiana. O fundamento é a interpretação dos eventos sociais por meio dos conceitos construídos pelo pesquisador, portanto, para WEBER, *“todo o conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares.”* (2003: 40).

Deste modo, a compreensão do fenômeno da secularização descrito por Weber será estudado de forma a apontar o seu sentido concreto neste tempo em que se vive e os estudo dos cursos de ação dos indivíduos é que os dotam de sentido. O tratamento teórico da identidade neopentecostal será o de uma *“individualidade histórica”, isto é, um complexo de conexões que se dão na realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua significação cultural.*” (WEBER, 2004: 41).

Com este quadro teórico, passa-se a entender o candidato Marcelo Crivella como um empreendedor de identidade para os fiéis da IURD reproduzindo um *ethos* religioso próprio dos neopentecostais.

2. Identidade neopentecostal: a IURD

A identidade como categoria de análise visa apontar a homogeneidade dentro do formação plural da sociedade. Tal conceito pressupõe a visão antinaturalista do mundo (UNGER, 2001: 25) em que não há uma essência a se capturar da realidade, mas sim que esta é um *“produto de mãos humanas”* (ARENDT, 2004:62) construído pelos homens. A partir de tal premissa, chega-se a idéia de que a identidade não é algo fruto de características imanentes dos homens, porém que todas elas são construtos atribuídos pelos homens (SARTRE, 2005: 290). A identidade é o resultado dos

embates, ambíguos e heterogêneos, entre os grupos numa sociedade. Ela permite distinguir um grupo por seus conflitos, internos e externos, em torno dos bens — culturais ou materiais — que os distinguem dos demais pela especificidade de suas demandas ou mesmo ações sociais (WEBER, 2004: 3).

Desde de 1980, os neopentecostais¹ vêm atuando na política partidária atingindo um número significativo de representantes nas casas legislativas a cada eleição. Estas atividades apontam para uma nova forma de participação dos indivíduos na sociedade. O pano de fundo deste artigo é demonstrar as relações existentes entre cidadania e identidade. O ser e o fazer do neopentecostal materializam uma visão de mundo própria dos fiéis da IURD. É nesta a relação com o espaço público que a identidade se constrói a cada dia. A caracterização de fiéis da IURD como neopentecostais, para Giumbelli (2002:306), refere-se à cura, ao exorcismo e à prosperidade. Significando que as entidades demoníacas ocupam um papel fundamental para que sejam realizados os exorcismos, além da prosperidade e a partir dela a realização de curas que estão sempre atreladas ao dízimo. Afirma aquele autor que há ainda uma liberalização de costumes que os distinguirão mais dos pentecostais tradicionais.

Há ainda um aspecto importante para a identificação do neopentecostal que é a presença marcante de uma retórica persecutória. Tal elemento compôs esta identidade após os episódios ocorridos na década de noventa, como o fatídico “chute na santa” no qual um bispo da IURD chuta a imagem católica e a prisão do Bispo Edir Macedo em abril de 1992, culminado numa reação dos líderes das igrejas evangélicas, afirmava-se na ocasião que nunca mais um bispo seria preso no Brasil.² Todos estes fatos contribuíram decisivamente para a construção de um discurso da perseguição, segundo o Bispo Macedo: “A perseguição é o termômetro que mede nossa espiritualidade... Se você é perseguido, é porque está bem com Deus. Se não há perseguição, é porque está faltando mais comunhão com o Criador.”(2004:2A) e em outra passagem conclui: “Amigo leitor, se você está sofrendo por causa de uma perseguição, alegre-se, pois saiba que está no caminho certo.”(2004:2A).

Este grupo religioso estabeleceu uma arcabouço identitário firme formando um fiel sempre militante. Ao contrário de outras religiões tradicionais que desvincularam a identidade de suas práticas cotidianas. As dimensões do que é ser católico, por exemplo, significa que: “A beata e a puta podem ser, cada um a seu modo, católicas, assim como o rezador e o bandido.” (BRANDÃO,

¹ Para excelente análise sobre a IURD no Brasil e sua categorização como neopentecostais conferir a obra de Emerson Giumbelli, *O fim da religião*.

² Conferir Giumbelli. *O fim da religião*, ótima análise do período.

1988: 52), em contrapartida os pentecostais se diferenciam por que: “O sujeito crente é a sujeição do sujeito à identidade da crença.” (BRANDÃO, 1988:48)³.

Os neopentecostais são assim denominados por sua relação específica com o sagrado/profano e sua forma de inserção social valendo-se da política partidária e dos meios de comunicação em massa. O modo de ser propugnado pela IURD faz-se no contexto brasileiro numa sociedade de profundas desigualdades e várias pessoas participam deste empreendimento.

Os *empreendedores* da IURD estão sempre a dizer como deve ser e agir o fiel e é aí que a identidade se cria. Dentre os empreendedores da IURD pode-se destacar o Bispo Edir Macedo (fundador da igreja) e os outros bispos e pastores portadores da voz institucional, além dos veículos oficiais de comunicação o jornal Folha Universal⁴ e da Rede Record de Televisão. Tal conceito de empreendedores é utilizado para demonstrar a existência de atores sociais que disputam o espaço público para gerenciar as ações dos indivíduos ao postularem determinada identidade.

3. Cidadania neopentecostal: a eleição para prefeito municipal

O interesse deste trabalho encontra-se numa forma especial de inserção do neopentecostal que é a atividade político partidária e especialmente as eleições municipais para prefeito do município do Rio de Janeiro no qual um bispo da IURD e Senador da República Marcelo Crivella concorre como candidato pelo Partido Liberal.

A partir deste caso, pode-se afirmar que ele como candidato à Prefeitura postula uma identidade para o neopentecostal? Caso realmente postule uma identidade, os indivíduos assim referidos participaram no espaço público de uma forma diferente, de modo a formar um cidadão? Estes problemas conectam os eixos identidade e cidadania. As fontes utilizadas serão as edições dos jornais: O Globo (OG), Jornal do Brasil (JB), Folha de São Paulo (FSP) e, o órgão oficial da IURD, Folha Universal (FU).

A candidatura de Crivella revela dois dados importantes de sua ação para a construção da identidade. O primeiro deles é que ele não pretende ser visto como um candidato dos neopentecostais somente e o segundo é a construção de uma identidade do eleitor. Todas estas ações porém com um discurso e um simbolismo marcadamente religioso.

O candidato ao realizar sua campanha esforça-se para desvincular sua imagem à IURD. A FU se refere a grande maioria das vezes a ele como senador, em apenas duas ocasiões o Bispo

³ Embora Carlos Brandão utilize a categoria de pentecostais, dentro dela estão inseridos os membros da IURD.

⁴ O jornal Folha Universal possui uma tiragem de cerca de 1.975.750 exemplares, no qual o Bispo fundador e outros bispos e pastores assinam colunas.

Macedo e um colunista se referiu a ele como sendo um bispo⁵. Em matéria d'OG do dia 27/06, Crivella foi indagado acerca da possível rejeição por ser evangélico, “o senador garantiu que pretende governar sem caças às bruxas. — Vamos administrar sem qualquer tipo de discriminação, de intolerância ideológica. Nós somos da paz.”(2004:4). Acrescentou ainda que irá convocar todas as entidades religiosas, sindicais e ONGs para colaborar com a formulação das políticas públicas.

O candidato em uma declaração feita à FSP em 27 de junho, ele afirmou: “O [Jorge] Bittar e o [Luiz Paulo] Conde são católicos, eu sou evangélico. Cada um tem sua religião. Quem é o candidato é o senador do PL, não o bispo da Universal.”(2004:A11) Outro fato que se destaca, o jornal OG do dia 23/07 noticiou que quando Crivella passava em frente a um templo da IURD seguranças do candidato impediram fotógrafos de registrarem sua passagem, em justificativa um militante afirmou que: “não há interesse em associar Crivella à Universal.”(2004:11).

Tal estratégia de campanha se assume pelo forte contorno religioso imprimido nesta eleição. O candidato **Luiz Paulo Conde**, cujo vice é o Pastor Manoel Ferreira que é evangélico da Assembléia de Deus, ele ainda é apoiado pela Governadora do Estado do Rio de Janeiro Rosinha Mateus e pelo Secretário de Segurança Pública do Estado e marido da governadora, Anthony Garotinho, que são declaradamente evangélicos⁶; o candidato **Jorge Bittar** recebeu apoio do Bispo Estevão Coutinho, presidente da Convenção Nacional Evangélica dos ministros e Igrejas da Assembléia de Deus no Brasil e no Exterior que prometeu reunir 3.500 pastores num ato, como informou o OG do dia 24/07; o candidato à reeleição **César Maia** que participou de uma oração no culto evangélico da Assembléia de Deus⁷, aproveitou a ocasião para criticar o viés religioso do pleito e se colocar como um candidato ecumênico ao afirmar que garante votos de evangélicos, católicos e ateus, majoritariamente, excetuando-se o dos fiéis da IURD, como noticiou OG em 23/07. A candidata **Jandira Feghali** é a única que não se envolveu diretamente na disputa pelos votos dos religiosos. Estes quatro e Crivella constituem-se nos principais candidatos à Prefeitura que recebem cobertura maciça dos meios de comunicação.

O esforço para se desvincular da imagem de bispo da IURD, porém não é materializado em todas as suas ações, já que como foi noticiado pelo JB de 07/07: “[ele] autografou bíblias que eleitores e fiéis da igreja carregavam.” (2004:A3) Na mesma página, outra coluna apontou que Crivella não pretende associar política e religião, porém, diz a reportagem, que: “[ele] se soltou ao

⁵ Verificou-se tal ocorrência a partir do n° 638 até o n° 647 da Folha Universal que é distribuído semanal e gratuitamente pela IURD.

⁶ OG publicou uma reportagem dia 21/08 em que Conde declarou que César Maia seria uma homem com olhar demoníaco.

⁷ A manchete d'OG foi a seguinte: “César critica mas também ora com evangélicos, Candidato católico faz campanha na Convenção Geral das Assembléias de deus do Brasil atacando Crivella e Conde.” (2004:12).

encontrar cerca de 500 fiéis na favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio. Eufórico, *Crivella cantou, pediu paz e rezou pelos 'irmãos da comunidade que caíram nas armadilhas da vida e da desigualdade social.'*”(2004:A3).⁸ Alfim deste evento noticiado, “Crivella encarnou definitivamente sua porção de bispo da Igreja Universal. Convocou os militantes a rezarem pela paz e pelos ‘irmãos da Rocinha.’”(2004:A3). Em outra do dia 02/07 sobre o debate ocorrido na TV Globo, informou que Crivella despediu-se dos telespectadores com uma bênção. Novamente, publicou-se que ele teria cantado a música *Aleluia, nossa luta continua* do seu CD *Coração a coração* numa caminhada pela Zona Oeste do município. Noutra oportunidade, OG consignou dia 20/08 uma declaração de Crivella se autodenominado como a cura, dizendo que: “Peguei a ‘César Maia’, mas em 3 de outubro nós vamos distribuir a ‘Crivellicina’. É uma dose só, tem quatro anos de garantia e vai erradicar essa gripe.”(2004:11).⁹

Todo este quadro articulado durante a campanha eleitoral demonstra quão recorrente é a referência aos aspectos religiosos. Embora Crivella rechace a vinculação entre religião e o processo eleitoral, diante de suas ações não se pode negar o forte apelo como líder religioso que se coloca diante dos eleitores que ele chama por “irmãos”, como se identificam os fiéis da IURD. Além da freqüente referência dos jornais a Crivella como bispo da IURD e não somente como senador da República, como se pretendia. Na própria FU encontrou-se duas referências a Crivella como bispo, sendo uma delas numa citação do bispo Edir Macedo em sua coluna.¹⁰ Sua postura pode parecer paradoxal, contudo ele busca identificar-se não diretamente como um bispo da IURD, mas como uma pessoa religiosa que está a exercer sua liberdade quando a prática de alguns atos lhe remetam à condição de empreendedor da IURD. Em suas declarações percebe-se uma inclinação ecumênica, de tolerância religiosa. E isto remete à condição de minoria religiosa que são os neopentecostais e a história institucional da IURD no Brasil. A IURD se fixou ao longo dos anos com uma retórica da perseguição, portanto a comunhão com Deus engendra o direito à liberdade religiosa como discurso institucionalizado. Assim, Crivella desenvolve sua campanha sempre se identificando como um candidato livre para professar sua religião.

Há outro aspecto que não se pode deixar de considerar sobre a campanha, a FU nº 647 publicou uma matéria de primeira página com o título: “Crivella x O Globo, Candidato demonstra sua inocência” em resposta às várias matérias publicadas pelo OG nos meses de junho e agosto sobre a possível impugnação de sua candidatura¹¹ e por irregularidades na *Fazenda Nova Canaã* que é uma das ações sociais realizadas por Crivella. Na nota oficial divulgada por ele e

⁸ Esta matéria foi intitulada: “Crivella se solta com evangélicos.” (2004:A3)

⁹ O subtítulo da matéria foi: “Para Crivella, César é uma gripe e ele, a cura.”(2004:11)

¹⁰ FU nº 645.

¹¹ Todos os fatos não impediram que a o TRE considerasse como válida a candidatura dele.

veiculada pela FU, ele procura refutar todas as denúncias feitas contra ele, além de afirmar que sofreu uma perseguição pelo OG em várias reportagens de cunho negativos em relação a ele. Nesta mesma edição o editorial da FU — sempre de forte cunho religioso — citou em itálico: “*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, por que deles é o reino dos céus.*” (Mateus 5.10)” e em negrito: “*Apesar de terem mudado os métodos, os incrédulos insistem em denegrir a imagem dos que defendem e disseminam, com todas as forças, a Palavra do Senhor.*” (2004:2A). Crivella, que ao final anunciou as medidas judiciais cabíveis contra OG, assumiu neste instante o papel de perseguido próprio dos fiéis da IURD.

O que significam estes fatos contraditórios de se identificar com a IURD, mas sem declarar isto expressamente? Crivella está assumindo um papel de empreendedor de identidade ao propagar um discurso “pela paz” e ao mesmo tempo agir como um bispo da IURD. Tal atuação na política pode significar uma modificação da identidade deste grupo, uma vez que a IURD modifica sua relação com o espaço público por meio deste empreendedor que busca nos seus eleitores — “irmãos” — aqueles que como ele sentiram a exclusão.

Ao afirmar: “*Criticaram minha pregação na eleição passada [para senador] e não funcionou.*”¹² Ele está com isto se referindo às críticas que sua conduta contraditória está a gerar, pois há uma demanda do campo político por coerência — ora se não se pretende se vincular à IURD, então qual a razão da pregação? — formando um tom defensivo por parte de Crivella ; bastante típico, aliás, daqueles que têm como elemento identitário uma retórica persecutória.

Isto consiste em uma demanda implícita por tolerância religiosa ou é apenas uma estratégia eleitoral para angariar votos? É possível que esta última hipótese seja factível, porém corroborá-la escapa ao alcance deste trabalho. O que se pode afirmar a partir das fontes pesquisadas é que há uma demanda por tolerância em virtude da atuação marcante na esfera pública.

Não há como pode parecer simplesmente uma interferência da religião na política como se explora nos meios de comunicação; mas o contrário também. Está em processo uma redefinição do que é ser membro da IURD, a política ocupa um forte lugar na religião na medida em que se busca a institucionalização — formação da identidade autônoma — entres os campos existentes.

A presença da IURD na política é capaz de gerar um debate acerca dos direitos daquela minoria que passa a se impor socialmente. Contribuindo para a construção da democracia, Habermas afirma que “a liberdade religiosa tornou-se o modelo da introdução de outros direitos culturais.” (2003:14) Além disto contribui para formação de um cidadão neste ambiente de disputa, este autor demonstra que: “a luta pela igualdade de direitos entre as comunidades religiosas oferece,

¹² Num encarte especial do jornal OG do dia 02/07 traçando um perfil dos cinco principais candidatos.

tanto na teoria política como na jurisprudência, argumentos e estímulos para a concepção de uma ‘cidadania multicultural’ ampliada.” (2003:14).

A estranheza do uso da religião como forma de atuação política se explica pela maioria de católicos que já se utilizaram este expediente¹³ e por que o catolicismo não foi capaz de construir um cidadão com tal forma de inserção social. O catolicismo do período colonial brasileiro não significava muito para o católico, Ângela Randolpho ensina que:

“a esfera religiosa, tanto o clero secular mais dependente dos grandes proprietários rurais, quanto o clero regular que estava diretamente alinhado com o Monarca, ou ainda a maioria laica que se dizia católica, não possuía referencial axiológico na própria esfera religiosa que produzisse qualquer mal-estar diante do quadro desigual e excludente da esfera social brasileira.”(2003:68)

Mesmo durante o período republicano não houve mudanças neste quadro as bases do catolicismo preservavam o estado de desigualdade acentuada que estigmatiza a história brasileira. Após a revolução de 30 nada tem-se de novo para a construção da cidadania, Ângela Randolpho enfatiza que:

“No que se refere à construção da cidadania brasileira, esta foi uma época-chave para a confirmação das relações sociais autoritárias e conservadoras que se mantinham com a manutenção do fechamento da esfera social. E a visão de mundo católica, com sua ênfase na hierarquia, na obediência e no seu discurso da necessidade de se preservar a ordem social, ajustava-se como uma luva no quadro que se consolidava.” (2003:113)

O catolicismo brasileiro passou por um período de revitalização e transformação em que a visão católica deveria ensejar um cristão engajado no mundo marcado por injustiças, com a teologia da libertação após a década de 50. Durante o período militar, contudo, houve uma conspurcação desta corrente que preconizava uma postura mais conservadora tal qual vigia no período anterior.

Na seara religiosa não se pode afirmar qual das religiões é preferível, a não ser por uma tomada de posição pessoal que escapa ao controle científico, por isso é necessário que no espaço político exista este embate contínuo com as interpenetrações de diferentes religiões para a formulação de expectativas que indivíduos isolados não seriam capazes de fazer. Não de uma “guerra santa”, mas de uma forma particular de organização que busca no espaço público sua autonomia. O constructo identitário de Crivella remete aos fiéis da IURD e outros eleitores que percebem em seu discurso suas próprias expectativas, o católico passivo (ou não-praticante) poderá

¹³ Até a fase republicana havia a tríade formada o clero, o monarca e o Papa, que sempre disputaram forças no cenário político brasileiro, como demonstra Ângela Randolpho Paiva em sua obra *Católico, protestante, cidadão*.

enxergar no discurso da “paz” o perfil de um líder genuíno e neste momento não há apenas ganho de votos, mas a ampliação da concepção do que é ser neopentecostal. Não se pode olvidar que a maioria dos evangélicos pentecostais localizam-se na Zona Oeste do município¹⁴ onde se concentram a porção mais pobre da população carioca.¹⁵ Ao passo que, não curiosamente, os católicos encontram-se na porção mais rica da cidade.¹⁶ Esta crítica acirrada à ação neopentecostal na política pode ser fruto do descontentamento desta parcela da população que não deseja mudanças sociais efetivas. Ocorre que:

“Na verdade, os ricos brasileiros são cada vez mais ricos em geral, sem adjetivos ou qualificações. Ricos globais e financeirizados, fora do seu lugar, como são todos os ricos de hoje, navegando um barco senhor de si, singrando mares cada vez mais revoltosos. Não deixam de comungar os mesmos espaço es, valores, leituras, utopias, tal como no passado. A diferença é que os novos ricos agora efetivamente não têm mais pátria.” (2004:56)

Não se está a defender que as políticas sociais encampadas pelo candidato em estudo corrigirão tais falhas, mas o fato de que existe uma estreita ligação entre a parcela mais pobre da população e os neopentecostais não causa muito espanto. Para Slavoj Zizek:

“Não surpreende que a ideologia dominante nas favelas seja a do cristianismo pentecostalista, com seu misto de fundamentalismo carismático movido a milagres e curas espetaculares e de programas sociais como cozinhas comunitárias e programas comunitários de atendimento às crianças e idosos.” (2004:11).

Não se esqueça de que, embora pareça existir uma manipulação estratégica da população voltada para a conquista de poder político, para a comunidade religiosa isto significa o exercício da cidadania e um espaço público em que possam expor suas pretensões. A agência do empreendedor terá sempre uma ascendência sobre a o grupo, porém haverá a necessidade do empreendedor estar atento às demandas do grupo para que outro empreendedor não lhe tome o espaço conquistado.

4. Conclusão

Religião e política sempre foram dois campos articulados. Tal relação permite desvelar diferentes feições da cidadania, na medida em que a atribuição religiosa insere o indivíduo num contexto de inclusão ou exclusão social do ponto de vista das demandas sociais. Esta penetração pode contribuir bastante para a formação da democracia no Brasil, pois torna conflituosa a exposição de pretensões no cenário político. De um lado uma base identitária sólida que são os

¹⁴ Segundo dados do *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*.

¹⁵ Conforme indica os critérios de renda estabelecidos no *Atlas da exclusão social*.

¹⁶ De acordo com o cotejo dos dois atlas acima mencionados.

neopentecostais e de outro alicerçada por laços identitários mais frouxos os católicos.. Há uma militância cotidiana a afirmar o que é ser neopentecostal.

Assim, o *ethos* religioso capitaneado por Crivella não só traz a discussão a influência da religião na política, mas também a interferência política na religião recriando a identidade neopentecostal por aquele empreendedor. Finalmente, dizer que a atuação política da IURD contribui para o clima de discussão natural a uma democracia, não significa, por outro lado, afirmar que a partir dos preceitos propugnados pela IURD e seus valores é possível construir um cidadão participativo que não reproduza o Estado assistencialista e dependente que se configura o Brasil.

A identidade assumida, enfim, não é nunca uma essência manipulada somente pelo indivíduo, senão um atributo construído e fluído que permite o indivíduo trafegar por diferentes instâncias da sociedade tendo usos diversos de acordo com as circunstâncias.

5. Bibliografia:

ARENDETT, Hannah. A condição humana. 10. ed. trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AUTRAN, Paula [et alli]. *Bittar responde a Cesar: 'Ele acusou o golpe e está com dor-de-cotovelo'*. O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun. 2004. Eleições 2004, p. 4. coluna 2.

AUTRAN, Paula. *Cesar critica mas também ora com evangélicos*. O Globo, Rio de Janeiro, 23 jul. 2004. Eleições 2004, p. 12. coluna 1.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência, Por uma sociologia científica do campo científico*. Trad. Denice Bárbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ser católico: dimensões brasileiras - um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*. In: SACHS, Viola et alli. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 26.ed. 19. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRAGA, Plínio. *Disputa no Rio envolve Pan e evangélicos*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jun. 2004. Eleições. coluna 1.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião, dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

GRIPP, Alan, Braga, GIAMPAOLO. *Candidatos a prefeito do Rio baixam o nível em dia de pugilato eleitoral*. O Globo, Rio de Janeiro, 20 ago. 2004. Eleições 2004, p. 11. coluna 1.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria da adaptação*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 5 jan. 2003. Mais!, p. 10-14.

LAMEGO, Cláudia, MARQUES, Toni. *Candidatos elogiam o bom nível da discussão*. O Globo, Rio de Janeiro, 2 jul. 2004. Eleições 2004, p. 8. coluna 1.

MACEDO, Edir. *A proteção divina*. Folha Universal, Rio de Janeiro, n.645, 2004. p. 2ª coluna 1.

MACEDO, Edir. *Crescimento que incomoda*. Folha Universal, Rio de Janeiro, n.644, 2004. P. 2ª coluna 1.

MEDEIROS, Lydia, MARQUES, Toni. *Bittar também atrai apoio de bispo evangélico*. O Globo, Rio de Janeiro, 24 jul. 2004. Eleições 2004, p. 8. coluna 1.

NAME, Daniela. *Conde critica brincadeiras de Cesar*. O Globo, Rio de Janeiro, 21 ago. 2004. Eleições 2004, p. 8. coluna 2.

- PAIVA, Ângela Randolpho. *Católico, protestante, cidadão, Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
- POCHMANN, Márcio [et alli]. *Atlas da exclusão social no Brasil, volume 3: os ricos no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (organizadores). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- SAMPAIO, Ruy. *Crivella se solta com evangélicos*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 2004. País, p. A3. coluna 3.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TAMBASCO, Maurício, GOMES, Vanda. *Crivella denuncia manipulação*. *Folha Universal*, Rio de Janeiro, n.647, 2004. Editorial, p. 2; Geral. p. 3A.
- UNGER, Roberto Mangabeira. *Política: os textos centrais*. Trad. Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo; Santa Catarina: Argos, 2001.
- WEBER, Max. *Ciência e política, duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *Conceitos básicos de sociologia*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2002.
- _____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 1.vol. 4. ed. São Paulo: Imprensa Oficial; Brasília: UnB, 2004.
- _____. *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- ZIZEK, Slavoj. *O novo eixo da luta de classes*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 set. 2004. Mais!, +autores, p. 8-11.